

Tribuna Livre

NELSON TEIXEIRA. Presidente da Fundação Lusíada e Reitor do Centro Universitário Lusíada (Unilus).

E a família?

Muito se tem falado sobre a desagregação familiar, como fator que contribui para a violência, o desrespeito e o descaso entre os jovens.

Temos visto cenas impressionantes de atos de coação, de falta de educação, de insolência, até mesmo entre colegas de um curso superior ou entre parceiros de um mesmo time de futebol. E ainda em bares ou danceterias, em que deveria prevalecer a confraternização e o lazer.

É óbvio que não se deve generalizar, mas parece que o jovem já sai de casa munido de todas as suas armas para encarar o confronto, disposto a agir de algum modo para descarregar sua energia em alguém ou contra algum bem.

E por que isso está ocorrendo de modo tão crescente?

No nosso ponto de vista falta a ação mais presente dos pais, da família, são escassos os atos de amor entre os próximos, falta a presença de Deus nos corações.

Com as facilidades de acesso a muitos meios de comunicação e entretenimento, como a internet, as páginas de relacionamento, o celular, os jogos interativos e a televisão, entre outros, houve sem dúvida o desligamento dos jovens com os pais e a família, e destes com os filhos. Por muitas razões já conhecidas, como o emprego em tempo integral, do pai e da mãe, a realização de cursos de especialização ou de idiomas, diminuiu muito o tempo para a relação familiar. E os filhos ficaram relegados a segundo plano.

São raros atualmente os casos de família que se reúne em torno da mesa para almoçar ou jantar, mesmo nos finais de semana. Mais raras ainda são as conversas entre familiares, para saber como os filhos estão na escola, quem são os amigos com quem se comunicam na internet ou no celular, por onde andam quando vão à rua...

Essa desagregação leva à per-



Omissão dos pais é preponderante no despreparo dos filhos

da de referência do que é bom e ruim, do que se deve fazer ou não. Leva à má formação do caráter. Leva a ações de desrespeito com o próximo. Leva à marginalização. Leva às drogas.

Pesquisas recentes revelam que a omissão dos pais é um fator preponderante para o despreparo dos filhos. Essa omissão é traduzida não só na carência afetiva, mas também na falta de tempo, na inversão de valores éticos e morais, na ausência dos problemas escolares, na falta de incentivo aos estudos, na inexistência de limites para os filhos, na falta de apoio psicológico, e por aí vai.

São comuns os casos de pais que transferem para a direção da escola, ou para os professores essa incumbência da responsabilidade da família. Em nossas conversas com pais de alunos muitas vezes nos vemos obrigados a chamar a atenção para esse distanciamento, e outras vezes nos vemos na condição de pais, alertando aos alunos o que é certo e o que é errado. Acabamos assumindo essa inversão de papéis.

Mas os jovens também carregam sua parcela nesse contexto. Falta-lhes perspectiva de futuro, sofrem a influência da parte negativa da mídia, têm

dificuldade de aprendizagem e estão desorientados com relação às drogas e más companhias. Muitos são descrentes das instituições, tantos são os escândalos patrocinados por autoridades em diversos setores. E um fato que perturba a muitos: a ociosidade, que faz com que se instalem carências múltiplas.

Por isso é importante investir no esporte, por exemplo, como meio de ocupar o tempo ocioso e praticar algo que faça bem à saúde. Os esportes são também fatores agregadores da família e de novas amizades. Há, nos planos da Fundação Lusíada, que dirigimos, uma academia de ginástica já em execução e que será voltada aos nossos alunos, e o projeto de construção de um ginásio poliesportivo, para oferecermos aos jovens da nossa instituição o algo mais de que precisam. A leitura de livros, a prática de hobbies como coleções, são alternativas para a ociosidade.

Mas, antes de tudo, é preciso reconstituir a família como centro de interação, de afeto e de manutenção dos valores e de padrões comportamentais.

Sem a família unida, no centro desse debate, com certeza iremos caminhar para um mundo que não desejamos, mas que infelizmente está cada vez mais real, de baixo dos olhos de todos nós.